

## A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 1 de out. de 1899.  
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno. 480

## OUTOMNO

Elle ahí vem, o arauto do inverno, o annunciador da morte, hirt e secco, amarello, frio.

Todos conhecem esse ser antipatico, essa visão de sepulchro, que passa todos os annos por cima dos nossos campos, dos nossos jardins, das nossas florestas, das nossas almas, despindo os troncos floridos, sacudindo as vinhas já sem fructo, roubando-nos a alegria das boninas, os encantos do espirito, o oxygenio dos pulmões.

Tudo se muda, se transfórma, se subverte, á sua passagem.

Ainda ha pouco, havia cantos nas ramadas, havia festa nas ciras, fervilhava a vida nas praias, e o sol, o topazio enorme, passeava altivo por sobre a natureza que lhe abria para o alto os bellos seios tumidos, cuja seiva alimentava os milhões de fructos fecundados ao calor dos seus beijos d'abril. Ainda ha pouco, a vida das coisas robustas e alegres. Agora, a vida monotona e brutal, convencionalista, hypoerita e safada, dos cafés e dos salões, da politica e das secretarias. Já a agulha do espirito se inclina para outro polo. A' expansão hygienica das almas, que se dilataram na contemplação das coisas risonhas, e fortes, e austeras, durante estes dois mezes em que todas as almas são boas, d'uma bondade imitativa mas sã, á alegria saudavel que nos fez esquecer por dois momentos os mil escolhos da vida, segue-se a concentração misantropica, o abaulamento das ideias, o murehar dos sorrisos que as primeiras neves nos crestam á flôr dos labios.

Eu odeio o outomno.

¿Sabes porque?

Porque tenho de deixar-te, ó flôr morena que eu adoro. O outomno tambem passou por mim. Dentro em breve, calçada e afivelada a mala, lá vou eu, raptado por esse sinistro personagem, que me leva, aos empurrões, agarrado pela gola da jaqueta, sem piedade pelas minhas supplicas, sem compaixão, alguma, até ao Porto; e lá, pousando-me os punhos rudes sobre os hombros, vae obrigar-me a sentar n'aquelle banco, n'aquelle banco que eu conheço, que eu aborreço, porque n'elle tenho passado seis primaveras da vida sem ver uma unica flor, e tremido seis invernos sem uma restea do sol que aqui me alenta.

Mas acabou-ss. Irei tremer o meu inverno;

sentirei cheia de frio e cheia de saudades a alma, sentirei o aborrecimento das coisas monotonas, do mestre e do alfarrabio, da cabra e do bedel, e perdoarei a tudo na esperança de voltar a ver-te, a ti e aos teus olhos lindissimos.

P. N.

## Caçadores e caça

Era muito difficil antigamente obter-se licença de uso e porte d'arma. Isto no tempo da pederneira.

No archivo da Camara de Barcellos ha um requerimento feito por um tal José Ferreira Goios, antepassado, creio eu, d'uns Briotes d'hoje, homem de familia rica, que teve um frade no Convento de Villar e que por signal deixou um Compendio de Philosophia, manuscrito em latim, compendio que eu possuo, e que, se não é um monumento de sabedoria, é pelo menos um attestado authentico de que nem todos os frades dormem, nem engordam, nem andam ás femeas.

Tambem escrevem.

Mas vamos ao caso:

O requerimento é curioso. Pedia licença a para usar arma de pederneira, por isso que tinha muitas terras, e n'ellas muita quantidade de *vizaria*. A Camara mandou informar, e tres proprietarios das freguezias limitrophes informaram que, realmente, o homem, tinha muitas terras, com muitos *bichos* (estes já empregaram o *ch*). Foi-lhe, então, dada licença.

Hoje é o que se vê.

Qualquer typorio, sem ter eira nem beira nem ramo de ligueira, sem ter *bichos*, a não ser muitas vezes no corpo... pega d'uma espingarda, e eil-o ahí vae á... caça.

Ha-os inoffensivos. Não matam nada. Mas tambem os ha perigosos, da familia das raposas, que, quando não abiscoutam mais nada, deitam o chumbo ao diminutivo (elle não é diminutivo) de *galinhola*...

Não sei se o sr. administrador me percebe bem.

Ha tambem os caçadores de... *lavadeiras*... Typos que, por si, julgam a mais gente. A espingarda é a alcoviteira. E como elles vendem o corpo ao primeiro que chega, atiram-se ás raparigas que encontram, como se ellas se vendessem tambem... Que é necessario notar: na venda suppõe-se paga, e elles, a maior-

## A LAGRIMA

parte, sem unha nem cunha. não tem dinheiro para pólvora. . . quanto mais para o resto!

Fiquemos, porém, n'isto. Antigamente era difficil obter licença d'arma. Hoje qualquer la-galhê anda de espingarda.

O sr. administrador faria muito bem se visse lá pelos registros se todos esses caçadores emeritos andavam de licença ou não.

Porque andando sem licença é preciso deitar-lhes a bóla. . .

*João do Minho.*

O João Candido sabe fazer *inguento de sordado* e dar com precisão sabia a significação das palavras mais intrincadas da lingua portugueza.

Foi porisso que ante-hontem nos regalamos de o ouvir dizer:

—«A syncope é aquilo a que o Zé Povinho chama cêlique; por quanto, proseguiu elle, um individuo em estado morbido, por exemplo, pondo-se de pé e tentando caminhar, naturalmente tropeça e cahe sem ou com sentidos, o que explica perfeitamente a palavra; portanto a origem e etymologia da palavra é: *Sin* (prefixo grego) quer dizer tropeçar, *Co-pe*, sufixo, latino que quer dizer com o pé—portanto tropeçar com o pé é cahir. Ahí está pois descreminada a palavra syncope.»

O rev.º p.º Carlos que é do Espozende, bom sujeito e grande diffundidor da religião de Jesus, chama a si os pequeninos e os adultos, para lhes ensinar a doutrina e faz, então, varias perguntas.

Sucedeu uma vez que o interrogado—um individuo chamado Manuel Rei—se não «tinha uma chaminé n'um olho e botava fumo por um calcanhar», como diria ali um *mascoto* do 20, era pelo menos alguma cousa surdo.

O padre disse:

—«Quantos são os peccados mortaes?»

—«Senhor? ¿Quantos barcos estão no caes? O do Trindade, o do Meninó o do Talho e outros.»

### Notas Diversas

O Antonio Coopertino com receio de que lhe saísse este anno, na praia da Povia de Varzim, a sorte grande, passou-se d'esta villa com armas e bagagens para a d'Apulia.

• Por um accaso sublime, d'esses que vêm d'além, no momento em que a Junta de saude passava revista a casa do Antonio dos Santos Pereira, dava ali á luz alguns robustos bacoros, uma porca do sexo femenino.

\* O tanque do largo da Camara, devido á abundancia d'agua, desmoronou um dia d'estes, causando uma grande e extraordinaria inundação nas repartições de fazenda e administração.

O nosso solícito editor salvou-se ao carra-chucho de Mario Lima e o Antonio Oliveira deve a vida á navegabilidade do seu violão.

\* O Joaquim Martins descobriu um novo telephone. Consiste em arranjar um fio de vela do comprimento que se deseje; adaptar-lhe nas pontas um canudo de cana; n'uma das extremidades do canudo uma pellica atada sobre os bórdos, do centro furado do qual, fique preso o barbante por um nó. Depois é fallar bem alto, em berros mesmo, de bocca encostada ao cano, porque o individuo para quem se fallar, deve ter o outro canudo no ouvido e nem que seja á distancia de 15 passos, ouve distinctamente a voz do que falla ao aparelho.

\* Ninguém se ria, porque ninguém vê o argueiro no seu olho, mas o Villa Secca estava n'outro dia a fallar só, á luz d'um lampião publico, com papel de musica na mão e a marcar compasso com o dedo indicador da mão direita.



*Mais uma vez o Gaspar Louceiro.*

Recbemos a «Cavalgada» do nosso illustrado patricio o ex.º sr. padre João Rosa, sobre que daremos noticia no proximo n.º.

Agradecemos a visita da publicação «Para Crianças», de que tambem, então, nos occuparemos.

## A LAGRIMA

### Notas d'Apulia (Retardadas)

Grande animação e balburdia.

Mulheres de todas as fôrmas e feitios; desde as redondas, de ventre abaulado como uma pipa, até ás esguias como um pinheiro.

Frequentadôres chronicos o Secundino e o João Velloso.

Insubmergivel como uma jangada, a barriga do Zé Mathias.

Musica afinadissima pelas patricias mãos dos jovens Juca e Abilio e pelos pardaes, sob e sobre os beirões dos telhados.

O Café é tudo quando a imaginação pôde crear para recreio das humanas gentes.

Muito movimentado e o Antonio Coopertino—seu explorador—está animado a introduzir-lhe muitos melhoramentos, no proximo seculo XIX. Eis o balanço dado, n'uma semana, ás vendas feitas n'elle:

Aguardente . . . . .	800
Canna . . . . .	500
Café . . . . .	750
Lumes . . . . .	200
Cigarros . . . . .	1.000
Charutos, um . . . . .	20
Vinho fino, um calix . . . . .	40
Rendimento do bilhar . . . . .	360

O aluguer do café pela temporada é de réis 50.000.

O individuo que tem tido a primazia das atenções é o Zurato, pela fôrma sympathica e attrahente como dança os *gigantones* e *cuberdos* e improvisa touradas, de que elle é o verdadeiro boi.

O *mot d'ordre* da presente occasião consiste no seguinte caso: Têr se dirigido o Zé Mathias á umas senhoras que só conhecia de vista, apresentar-se-lhe dizendo que era solteiro, capitalista, ferrageiro em Barcellos, muito bom rapaz e bonito—pois só tinha o defeito de ter uns dentinhos salientes—saccar d'um cartão, que suppunha ser do seu nome, e dar-lh'o, sem reparar que n'elle se lia: «João José Rodrigues Pereira, Reitor d'Atheas—Prado.»

... Ora o Zé, de Reitor só tem o latim—depois de jantar.

Nunca nos affastamos da linha de conducta que nos impozemos—isto é, temos posto de parte tudo o que diga respeito a politica.

Hoje, porém, esta norma sente-se um pouco abalada na sua convicção, e estamos tentados a ser politicos!

Contudo, a nossa duvida éra a escolha do partido que deveriamos preferir, e, para o resolver, escrevemos ao sr. José Luciano afim de nos inlicar, com a sua proverbial franqueza, em qual dos dois partidos militantes teriamos de fazer profissão de fé—jurar a macaca—!

Na volta do correio, recebemos uma extensa

carta do sr. José Luciano elogiando-nos o nosso talento, as nossas qualidades de jornalistas, (pondo ao nosso dispor as columnas do *Correio da Noite*) affirmando-nos que fora elle o inventor do *bacillos* da bubonica e que sabia marcar muito bem lenços d'assoar, com tinta de escrever.

Quando ao partido em que deveriamos filiar-nos, que éra o progressista, que sobre isso que não hesitásemos sequer um instante, tanto que assegura que foi só elle, quem no paiz descobriu a medida de maior alcance economico, que éra um Bismark, um Salisbury!

Referindo-se a essa admirosa e jamais esquecida invenção diplomata—ó—economica, (estê termo é de S. Ex.<sup>a</sup>) vae nol-a dizer sob condição de segredo:

«Que, quando se effectuara o casamento de Suas Magestades, fôra fallar particularmente com a Rainha, pedindo-lhe o seguinte—Se isso lhe não custasse muito e não houvesse duvida, deveria fazer annos ao mesmo tempo que El-Rei, pois que elle (José Luciano) queria impor-se ao seculo agonisante como um estadista de força.»

—Ora... eis ahi porque nós hoje somos politicos e progressistas.

Isto sim! arranjar que suas Magestades fizessem annos no mesmo dia, para poupar um feriado, só o sr. José Luciano!

Em vista d'essa monstruosa descoberta, temos a declarar que de hoje em diante passamos a ser denodados campeões no partido progressista.

Tremei, cohortes regeneradoras!

O José Lisboa prometteu supplantar-nos e a Bocage, nas magnificas partidas que vem pregando á boa humanidade, que o conta no seu grande numero.

Lisboa é baixo, não de estatura, mas porque sopra, como um furacão, n'um instrumento grosso de bojo, que tem aquelle nome.

Mais claro. O Lisboa é muzico na banda Barcellense, e nas demais bandas de lá e cá, Cavado. Porque elle é filho do Ganha Dinheiro e neto do Paga-me Logo.

Ha semanas foi Lisboa tocar com a muzica do Byseaia a S. Julião e este maestro—em instrumentos de sopro e outros—constando-lhe que elle não era effectivo tocador da banda que dirige, foi assim direito ao seu baixo:

—«Senhor Lisboa, Meu Amado Filho, a Quem Muito Présco, Respeito, Venero e Acato. Sabendo que Vós Sois Muzico da Banda Barcellense por favor e considerando eu—muzico reformado do exereito de Sua Magestade, Meu Amo—que pagando não devo ficar obrigado: com toda a subida consideração acabo de Vos despedir. Estaes despedido».

## A LAGRIMA

Ora succede que «o homem põe e Deus dispõe» e «ninguem deve *excusar* pr'oar», porque volvidos alguns dias eis que Byascaia tem de dar o braço a torcer—precisando do Lisboa.

Manda-o avisar para ir a uma festa a Villar de Figos, ao que elle accede do melhor agrado e boas maneiras.

No dia seguinte á prevenção, batia-se, ainda madrugada, á porta do Lisboa. A porta, como de costume, estava meio cerrada e n'um dos andares havia luz. José estava a pé! Era signal evidente d'isso.

Trús, trús, trús.

—«Sa Zé, venha que os out'ros muzicos estão como effectivamente estavam—á espera».

De cima uma voz de mulher.

—«Já foi».

O Lisboa tinha pedido a farda, bonnet e instrumento de vespera e naturalmente—como foi dito ao Byascaia—tinha-se posto em marcha.

A muzica mettu-se a caminho e de prompto s'achou em Villar de Figos.

Primeiro, um muzico; depois—todos. «¿Qué do Lisboa? Onde está o Lisboa?»

Os muzicos, como cães de coelho em procura de caça, dissimularam-se pela aldeia, batendo a todas as portas, chamando, gritando, berrando e barafustando. Dizia um:

«Olho não vejo ninguém  
Chamo, ninguém me responde»

\*

A muzica tocou sem baixo e Lisboa tinha provado—com a porta de casa meio cerrada, a luz n'um andar e a voz a responder «já foi»—que ainda pagando, se deve dizer muita vez—Obrigado.

Nas Necessidades o José Juca comeu arroz de codorniz e dançou.

No entusiasmo do baile, em que exhibia as suas flautas, ouviu a voz do marcante:

—«Grand promeude.»

Sabe o nosso amigo traduzir o francez escripto mas não o comprehende fallado, e suppoz que aquella marca era como assim como quem dizia: «Vámos para o mar» d'onde tinha vindo: e, tomando do braço da dama, ia acompanhá-la ao lugar, quando lhe observaram a sua má comprehensão; porém Juca, imperturbavel, sereno, disse desculpando-se:

—«Estas senhoras não sabem equitação.»

A todo o bicho careta que nos lê fazemos constar, em nome de Deus amen, que embora o Soucasaux tenha sido o *pae* deste quinzenario, ninguém pôde contestar que o Antonio Leite foi a *mãe*.

Deu a «Lagrima» á luz, com toda a felicidade, em 21 de abril de 1892.

Tudo serenou como era de esperar. Os nossos inimigos externos deram-se á paz doce d'este remanso barcellense. «A Lagrima» passa bem de sua importante saude, e a inteireza das suas costellas e gambias está, n'este momento, unicamente ameaçada pelo Praina, um rapaz valente como as armas, a quem ella deve a vida, pois acompanhou-a a casa n'uma noite com atmosphera carregada, o thermometro marcando muitos graus acima de zero.

Diz elle que a «Lagrima» é filha d'um capador e é Seringadôra—em meio de desespero atroz, que não se justifica e menos se explica.

Todos o chamam para o vêr dar sorte e depois dizem:

«Ai! ai! Ai!  
Vae-te embora Praina,  
Vae-te embora Praina,  
Vae-te embora, vae!»

### Album da «Lagrima»

D'um regedor d'uma freguezia d'este concelho ao sr. José Lopes:

«Amigo Senhor Lopes eu pedia ao vão Amigo se pôde se á tender. O portador desta logo que se poça pois elle á ahí não save nada pedia ao vão Am.<sup>o</sup> se o guiava

sempre ás Suas Ordes

(Fulano)

Vé para lhedar á gia para á manha j queria O pase enté niNe pois é porbre.»

### Padre Nosso dos Typographos

Chefe nosso que estaes na redacção, muitos bons dias, vamos distribuir; venha a nós os originaes; seja feita a vossa vontade na composição como na impressão; o salario nosso de cada dia nos dae ao sabbado. Perdoae-nos, Senhor, as nossas gralhas, assim como nós perdoamos a má letra e as terceiras provas; não nos deixeis, Senhor, cair no somno, livrandonos de trabalhar de noite—Amen.

*Diabo mais Novo.*

¿Cada um teve a sua?

É um enygma o titulo que acabaram de lêr e cuja decifração damos já.

Uma senhora, da sociedade barcellense, teve duas creanças d'um ventre.

No dia seguinte foi um commerciante, muitissimo prestavel em associações de beneficencia, fazer a visita da praxe. Ao entrar no quarto onde se lhe deparavam a parturiente n'uma cama e o marido n'outra—ambos doentes—e dizerem-lhe que tinham nascido duas creanças e mortas, exclamou olhando para os conjuges:

—«¿Cada qual teve a sua?»